”Heroísmo, Guerra e Imaginário: Raízes Medievais e Socioculturais do Sebastianismo Maranhense”

Rosuel Lima-Pereira

▶ **To cite this version:**

Rosuel Lima-Pereira. ”Heroísmo, Guerra e Imaginário: Raízes Medievais e Socioculturais do Sebastianismo Maranhense” . Historia Antiga e Medieval. Conflitos sociais, guerras e relações de gênero: Representações e violência., VI, Editora UEMA, pp.365-374, 2017, Historia Antiga e Medieval. 978-85-8227-179-7. hal-01642394

HAL Id: hal-01642394
https://hal.science/hal-01642394

Submitted on 21 Nov 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Heroísmo, Guerra e Imaginário:
Raízes Medievais e Socioculturais do Sebastianismo Maranhense

Rosuel LIMA-PEREIRA
Université de Guyane[1]

No século XVI, o rei Dom Sebastião de Portugal (1557-1578), visto no Ocidente como o último rei cristão, marcado pela vontade de conquistar a terra santa e de combater os Infiéis. Acrescenta-se a esse desejo de valentia e de redenção a vontade de estender, ou pelo menos de preservar os entrepostos conquistados durante as grandes navegações portuguesas. Sua empresa militar recebe a benção do papa Gregório XIII (1502-1585), assim como a permissão de negociar durante dez anos com os novos cristãos. Quando Dom Sebastião desaparece no Marrocos, às margens do rio, na batalha de Alcácer-Quibir, na tarde do dia 04 de agosto de 1578, vai-se com ele toda a linhagem direta da dinastia de Aviz (1385-1580). Com o desaparecimento do rei Dom Sebastião, a independência geopolítica do reino português encontra-se em perigo.

Do desaparecimento do rei Dom Sebastião nasce um sentimento coletivo oriundo do nome do rei, chamado "sebastianismo". Esse sentimento torna-se uma crença na volta do rei salvador, cujo papel é, sobretudo, de ordem política, pois esse salvador da pátria vai libertar Portugal da dominação espanhola, prevista na cláusula do casamento entre o Príncipe heredeiro Dom João Manuel (1537-1585) e Dona Joana da Espanha (1536-1573). A crença sebastianista é na sua base, real e messiânica. A ausência do corpo do rei, prova material de sua morte, torna seu desaparecimento inexplicável. À realeza do messianismo sebastianista o povo português acrescenta seu misticismo de raiz medieval que se exprime no seu desespero e na sua esperança enganosa. O desaparecimento do rei Dom Sebastião reveste-se também nas suas representações de um aspecto duplo. O primeiro é o aspecto religioso, cristão, visto que o

[1] Doutor em Estudos Ibéricos e Ibero-americanos pela Escola doutoral Montaigne Humanidades, Universidade Montaigne-Bordeaux 3, França. Doutor em História cultural por revalidação de diploma, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo (UNICAMP). Docente no Departamento de Letras e Ciências humanas da Universidade da Guiana francesa. Membro do Laboratório de pesquisas MINEA (Migrações, Inter-culturalidade e Educação na Amazônia).

monarca português é percebido como um redentor, pois ele se sacrifica para dar ao seu reino a glória de outrora. O segundo é o aspecto heróico greco-romano, o rei é o mártir da nação. Em outros termos, o herói mítico não é aquele que ultrapassa o caráter mitológico, que se arma e parte para o combate, mas é aquele que sacrifica sua vida por alguma coisa maior do que ele. Simbolicamente a pessoa real do monarca português, antes de seu desaparecimento, encarna a soberania do reino frente a uma Espanha ocupante e a defesa da cristandade frente aos mouros invasores. Em pouco tempo o discurso sebastianista se reestrutura e tenta apagar da memória coletiva a desfeita da batalha perdida, ao mesmo tempo em que, esse mesmo discurso esforça-se em anunciar as vitórias futuras. Na América portuguesa, à base real messiânica e mística, que tenta explicar o desaparecimento do rei Dom Sebastião, são acrescentados traços escatológicos. O lado apocalíptico dessa escatologia enraíza-se nos fins dos tempos e na vinda do salvador, a Parusia.

Partindo dessas breves observações, a proposta é fazer uma análise das representações medievais presentes na formação do imaginário sebastianista; em seguida, um breve levantamento dos escritos renascentistas sobre o sebastianismo e, por fim, uma análise quanto à influência da imagem sincrética e híbrida do rei Dom Sebastião nos movimentos socioculturais contemporâneo.

As representações medievais presentes na formação do imaginário sebastianista

A representação que é feita do rei Dom Sebastião pelos seus súditos não se inscreve na perspectiva judaico-cristã que corresponde ao processo de divinização dos reis, assim que eles são ungidos, segundo a tradição medieval. Em outros termos, o monarca português não faz parte da tradição nascida na Idade Média e na crença nos reis taumaturgos, quanto à sua divindade. Nessa perspectiva, o corpo físico de Dom Sebastião vai além dessas considerações, com efeito, a "divinização" do rei Dom Sebastião acontece *antes* de seu nascimento, o rei Desejado, e *depois* de seu desaparecimento, o rei Oculto e, nunca durante o seu reinado. É importante mencionar que na tradição portuguesa os monarcas não são consagrados ou coroados, mas aclamados. Assim, o desaparecimento do soberano coincide com as transformações do fim da época feudal, assolada pela peste, pelas guerras e pela fome.

Esses eventos nefastos são reforçados pelos sonhos e pelo maravilhoso, presentes nos relatos de cavalaria do romance bretão, que perpetua o mito céltico do rei Arthur.

Nos relatos de cavalaria, o joaquimismo e o messianismo judaico-cristão estão presentes nos primeiros momentos distintos e, na medida do possível, unificados no contexto específico da história portuguesa. Esses relatos originários da Bretanha, marcados pelo mito arthuriano, remontam às antigas legendas celtas sobre o "rei Oculto". O pólo central dessa narração é a luta contra os invasores e a unificação do reino. O rei Arthur provavelmente combate os saxões e os romanos ao longo de doze batalhas consecutivas para desaparecer em seguida de maneira misteriosa. Acredita-se que ele não morreu, mas ferido, refugia-se na ilha de Avalon. A versão latina do século XII parece ser a responsável da representação da ilha da Fortuna como sendo a ilha Oculta. Esta ilha é chamada assim, pois o rei Arthur, que se torna o rei Oculto, nos relatos orais, vê-se obrigado a separar de seus cavaleiros quando um tempestivo nevoeiro aparece. Uma vez o nevoeiro dissipado, os cavaleiros que o acompanham não mais o avistam. O rei desaparece nas brumas sendo levado à ilha.

O mito arthuriano será utilizado sucessivamente na história da Bretanha e da Inglaterra para assegurar a unidade territorial contra o invasor. Este mito se consolida durante a dominação normanda de 1066, nas ilhas britânicas; em seguida, chega à França. O mito foi Traduzido em 1155 e a historia assimilou novos elementos como: o amor cortês, a canção de gesta, os contos de cavalaria e o santo Graal. Com a circulação dos monges, dos peregrinos e dos mercenários, o mito aparece na Península ibérica. No século XII, o fluxo migratório vindo da França, introduz em Portugal diversas características da cultura feudal que contribuem para o enriquecimento cultural do reino português. Assim, ao longo da Idade Média, e especialmente durante as crises políticas do século XIV, reis Ocultos com traços messiânicos e redentores aparecem em toda a Europa. É o caso do rei Dom Sebastião, como fora o caso de Balduíno V da Flandres (1012-1067), ou de Frederico Barbarossa (1122-1190), imperador do Santo-império germânico de 1152 a 1190. Na historia de Portugal é possível identificar João de Barros (1496-1570), como o grande difusor deste mito, na monarquia portuguesa, no final do século XV e início do século XVI. Em 1520, ele escreveu a *Crónica do Imperador Clarimundo*, criando a versão em português do mito do rei Artur. Esta crônica é usada na formação e na educação de sucessivas gerações de monarcas portugueses, entre eles, o jovem Dom Sebastião. Essa obra também vai desempenhar um papel decisivo na formação da personalidade do futuro rei.

A segunda representação medieval que participa à formação do mito sebastianista é o Joaquimismo. Este termo é usado para descrever as idéias do monge cisterciense Joaquim de Flora (1132-1202), que vive na região da Calábria, na Itália. Ele defende em seu sistema profético Três idades, cujos traços são encontrados mais tarde na série de três sonhos, nos poemas *Trovas* de Gonçalo Annes Bandarra (1500-1556). Segundo Joaquim de Flora, para entender o desenvolvimento total da história, a explicação reside na própria estrutura do livro Apocalipse. De sua meditação, *Expositio em Apocalypsim*, e das concordâncias entre o Antigo e o Novo Testamento, *Novi Liber concordia ac Veteris Testamenti*, ele estabelece que a história da humanidade está dividida em três idades:

- A era do Antigo Testamento, a idade do Pai, que começa com o patriarca Abraão (século XIX antes de Cristo) e termina com o nascimento de Jesus.

- A era do Novo Testamento, a idade do Filho, o tempo de graça, que começa com o último rei de Israel, Oséias (732-724 a.c) e cresce com o profeta João Batista e Jesus.

- A era do mundo futuro, a idade do Espírito Santo, o tempo da Igreja, que começa com São Bento de Núrsia (v.480-v.547), floresce com a volta do profeta Elias e termina com o Juízo Final.

Joaquim de Flora reintroduz no cristianismo o mito arcaico de regeneração universal. Certamente, o princípio moral que orienta a profecia de Joaquim de Flora é baseado em uma posição crítica, frente uma Igreja temporal, corrompida, que ele condena. O desaparecimento desta Igreja pecadora dará nascimento a uma Igreja de santos e, fará reinar a pureza e igualdade entre os homens. Os argumentos de Joaquim de Flora situam-se em um contexto de crise do cristianismo medieval, bem como, no surgimento das novas ordens religiosas no século XII, os Agostinianos, os Dominicanos e os Franciscanos. Sua lógica profética e apocalíptica que data do início do ano 1260, vai exercer uma grande influência na Europa, desde o final do século XIII até o século XV.

A terceira representação que contribui à formação do mito sebastianista são os elementos judaico-cristãos, que estão enraizados nos textos bíblicos e no Talmude, livro da doutrina judaica. As duas religiões, judaísmo e cristianismo estão presentes em Portugal. Originárias do mesmo tronco teológico, ambas têm uma predisposição para o milenarismo e o messianismo. O messianismo nasce muitas vezes de uma frustração histórica. Ele aparece na consciência coletiva como uma reparação de uma perda, como uma promessa utópica para

compensar a infelicidade atual. Nota-se que, na maioria dos textos literários escritos no início do cristianismo, relacionados a eventos futuros e ao milênio, Jesus Cristo era o único Senhor e Salvador, em que todos estavam esperando pela segunda vinda, a Parusia. No entanto, como essa expectativa se tornou interminável, lendas e crenças começaram a serem acrescentadas e outras figuras míticas surgiram. Uma dessas trata-se do Imperador dos últimos dias, um chefe guerreiro, guardião da cristandade, investido por Deus. Ele se compromete a inaugurar a era da felicidade, marcando assim, o início do milênio, será coroado na terra, de acordo com as profecias e com a libertação do Santo Sepulcro.

Essa liberação, em seguida, dará passagem ao grande advento do Cristo Rei, que voltará montando um cavalo branco. Lembramos que o rei Dom Sebastião tinha se investido da missão de libertar a Terra Santa, e, por conseguinte o Santo Sepulcro. Aliás, os monarcas e os chefes de guerra na Idade Média, eram vistos como salvadores, seja pelas transformações que eles tinham operado no seu reino, seja porque tinham sido capazes de gerir desastres. Em pouco tempo o reinado do rei Dom Sebastião é marcado por dificuldades políticas e econômicas. Em seguida, o desaparecimento trágico do monarca, desperta nos portugueses a esperança e a expectativa do retorno de um salvador segundo o modelo escatológico.

A consolidação do messianismo sebastianista nos escritos renascentistas

O movimento sebastianista que se estrutura ultrapassa os feitos e gestos de seu protagonista, o rei Dom Sebastião, pois *a posteriori*, muitos documentos escritos sobre as conseqüências desse movimento serão imbuídos de um sentimento de origem nacionalista e de defesa de uma identidade portuguesa. O sebastianismo é uma manifestação socio-religiosa complexa, concebido, para alguns, como o retorno do rei, e para outros, como a chegada de um salvador em Portugal. Esta expectativa salvadora está enraizada na tradição milenarista, escatológica e apocalíptica comum ao cristianismo. Do ponto de vista histórico é inegável que o auge do sentimento sebastianista em Portugal é durante o período da União das duas coroas (1580-1640). A volta freqüente do sebastianismo na cena sócio-política do reino português justifica-se também pela progressão da crença e reflete a variedade cultural que compõe o imaginário português. É verdade que esta expectativa, seja ela de um herói ou de um messias, não é uma prerrogativa da cultura lusófona. Trata-se de um fenômeno cultural constante na

história da humanidade. Aliás, a vinda de um salvador casto ou, o retorno do mito, qualifica necessariamente a história e a cultura de um povo ou de uma nação.

A defesa pelo povo português da subida ao trono do duque de Bragança, o futuro Dom João IV (1604-1656), fundador da dinastia dos Bragança, se expressa pelo florescimento de uma literatura que o reconhece como o rei anunciado, enquanto se eespera a volta do rei Dom Sebastião. Essa literatura é também marcada pela abundância de profecias relacionadas ao retorno. Entre esses dois reis, Dom João IV e Dom Sebastião I, os sentimentos, expectativas e reconhecimento crescem enquanto a história desaparece, assim como todos os outros monarcas portugueses, mesmo aqueles que construíram o império. A partir de então, o paradoxo é estabelecido em torno do autor do maior desastre nacional. O rei Dom Sebastião torna-se uma das figuras mais importante da memória coletiva. Com seu desaparecimento inverte o paradigma da história para viver por trás dos arquétipos mitológicos de um povo em busca de um salvador. Para os sebastianistas e os conspiradores, o duque Dom João de Bragança, neto de Dona Catarina da Espanha (1507-1578), é o único capaz de restaurar a linha legítima da sucessão ao trono ocupado por Filipe de Habsburgo (1527-1598) e seus sucessores durante 60 anos. Dom João, é posto frente a um fato consumado e concorda em ser o líder da revolução. O palácio real é invadido, a duquesa de Mântua, Margarida de Sabóia (1589-1656), se rende sem resistência e a população adere à revolução. O duque de Bragança recebe a Aclamação no dia 15 de dezembro e faz um juramento perante a Corte em 28 de janeiro de 1641. Mesmo após a Restauração, a crença no retorno do rei Dom Sebastião perdura, pois sua imagem é revestida de caráter sagrado e imortal. O mito sebastianista passa então a existir, e agora, se expande por um Portugal barroco cheio de crenças supersticiosas e uma religiosidade extravagante.

Estabelecido como um fundamento irrefutável no inconsciente coletivo, o sebastianismo não se deixa romper pelas dificuldades. Mesmo que a espera não seja sempre satisfeita, permanece viva, permitindo aos defensores do sebastianismo ser preservados do desespero e da desilusão. Nem a Restauração da soberania portuguesa, nem a morte do rei Dom João IV, em 1656, foi capaz de acabar com o movimento sebastianista que se revigora após cada desordem e tribulação. A crença sebastianista em torno da volta do rei encontra nas colônias portuguesas, especialmente no Brasil, um terreno fértil para a sua expansão por causa das grandes descobertas. Com efeito, os navegadores ibéricos consideram a chegada ao Novo Mundo como a culminação de uma esperança, não somente material, mas principalmente

espiritual. Eles acreditam na chegada ao Paraíso, visto que, os seus conhecimentos e referências históricas são ricos em geografia mítica e ensinamentos eclesiásticos. O elemento espacial, o Novo Mundo, acrescenta à crença sebastianista um caráter escatológico. Seu lado apocalíptico está enraizado na plenitude do tempo, cujo fundamento se encontra em certo pensamento da teologia da história. De acordo com a interpretação desta corrente de pensamento em Portugal, os dois eventos, a descoberta do Novo Mundo e o retorno do rei que se tornou o "rei Oculto", de acordo com a legenda, corresponde ao resultado do plano divino, Providência divina para Portugal. O primeiro, o Novo Mundo, é considerado como o encontro do Paraíso perdido, e o segundo, o retorno do rei, é visto como o anúncio do fim dos tempos, já que o rei redentor, mensageiro de paz e de prosperidade, está de volta. Esses elementos passam, desde então, a fazer parte da memória coletiva do homem português. Eles serão enriquecidos por representações simbólicas cristãs e pelo imaginário medieval, alimentados com narrativas arquetípicas compostas pela literatura, o messianismo e o milenarismo.

A imagem sincrética e híbrida do rei Dom Sebastião nos movimentos socioculturais brasileiros

Na América portuguesa é em torno de dois pólos concretos, a pessoa do rei desaparecido e as grandes descobertas, que o sebastianismo se constrói. O rei Dom Sebastião após seu desaparecimento torna-se um herói mítico. Para os sebastianistas, a pessoa do rei e o que ele representa fornece uma estrutura para a resistência contra a ocupação estrangeira e, em geral, uma resistência contra os tempos difíceis. Com efeito, o Novo Mundo é parte de um processo de redenção no sentido de que Deus escolheu o Império português para conduzir o cristianismo a um novo futuro. Nessa perspectiva, o discurso sebastianista tentará apagar a derrota de Alcácer Quibir e anunciar todas as futuras vitórias graças ao estabelecimento do Quinto Império. Este Império, de acordo com projeto idealizado pelo padre jesuita, António Vieira (1608-1697), nasce de um mundo regenerado e terá dois representantes, o Papa e o rei de Portugal. Um deles será o Pastor da humanidade, o outro o Imperador do mundo, seu guardião.

Na conquista do Brasil, os dois profetas bíblicos, Daniel e Isaías, alimentam a imaginação dos viajantes e dos futuros colonos, pois acreditam ter chegado ao Paraíso. De

acordo com a interpretação feita por eles, o profeta Daniel (capítulo XII), anuncia um novo tempo como advento do reino de Deus. Quanto a Isaías, (capítulo XVIII), teria profetizado o descobrimento do Brasil. Assim, as ordens religiosas, especialmente os franciscanos e os jesuítas, sentir-se-ão responsáveis para anunciar o fim dos tempos e verão na pessoa do rei Dom Sebastião, a encarnação da soberania do reino. Por conseguinte, o Brasil não será apenas "*um novo céu e uma nova terra*" (Is DXV,17), anúncio do milênio do Espírito Santo, mas a própria realização do Quinto império anunciada pelo Padre António Vieira. Com efeito, a descoberta do Brasil é considerada como prova do cumprimento da Revelação e do fim dos tempos. Assim, o Brasil se torna história consumada.

A presença destes elementos enraizados primeiro na história portuguesa torna-se um componente irrefutável da narrativa arquetípica do que se tornará a nação brasileira. O movimento sebastianista, embora nascido em Portugal, não cessa de se repetir, apesar de inovador e diferente, no entanto, é apenas uma repetição de si mesmo. Dadas as circunstâncias históricas da formação do sebastianismo, este mito, um dos elementos fundadores da nação brasileira, é elaborado de acordo com o conceito teológico-político, ou seja, ele continua a determinar não apenas a imagem que o brasileiro tem de seu país, mas também a sua relação com a história e a política. Este conceito teológico-político é, nas palavras do historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), a "*visão do paraíso*" que assombra o espírito dos brasileiros. Este conceito é baseado na visão providencial da história desenvolvida pelo cristianismo, ligada à teleologia milenarismo e o princípio jurídico-teocrático do governante como aquele que "*reina de acordo com a graça de Deus*." Estes componentes do mito fundador trará a nação à *visio beatifica*, o que explica, de alguma forma, por que a história do Brasil tem pouco derramamento de sangue. Seus fatos históricos não são provenientes da sociedade, mas diretamente do Estado e por decretos (capitanias hereditárias, administrações públicas, independência, abolição da escravatura, República). Assim, os movimentos sangrentos da história brasileira são considerados, apenas, meras conspirações, Inconfidência mineira abortada pela Coroa em 1789, ou fanatismo popular, como os movimentos de Pedra Bonita em 1836-1838, Canudos em 1896-1897 e Contestado em 1912-1916.

Deste modo a articulação do sebastianismo, deslocadamente no espaço brasileiro, continua a operar em perspectivas socialmente diferentes. Do lado do dominador, este movimento age como sendo de direito natural. O poder é legitimado através de campanhas nacionalistas, expressões secularizadas do Paraíso terrestre e da teologia da história

providencial. Isto assegura aos dirigentes a imagem de uma comunidade una, pacífica, voltada para um futuro escolhido por Deus. Do lado dos dominados, o sebastianismo age por caminhos profético-milenaristas, produzindo dois efeitos ambíguos: o primeiro efeito é a visão de um governante como Salvador; o segundo efeito é a visão sagrada/demonizada da política e, do papel político-milenarista, da batalha final, cósmica entre o Bem e o Mal, a Luz e as Trevas. É claro que para além dessas duas perspectivas sociais, a lenda do rei desaparecido opera uma contradição não resolvida. No primeiro caso, o país é um paraíso terrestre, sem violência, seguindo sua história providencial, ele chegará ao seu futuro divino. Em troca, o país profético está mergulhado na injustiça, na violência, em busca de seu futuro, engajado na batalha final, na qual Cristo sairá vencedor.

Assim, o sebastianismo é um componente importante do mito fundador da nação brasileira por conta do seu caráter indispensável que carrega, ou seja, a imaginação e os sonhos que sempre cercaram as experiências humanas. Pois o seu próprio inspirador, o rei Dom Sebastião, foi, em sua vida, impulsionado por um sonho. O sonho de conquistar a Terra Santa e expandir o império português em nome da glória e da fé cristã. Este fluxo sebastianista chega ao Brasil impregnado de uma cultura erudita e popular, marcada pela vocação imperialista portuguesa e seu messianismo endêmico, pouco ligado a mudanças quanto à realidade histórica.

No Brasil imperial, o sebastianismo torna-se uma lenda através do seu deslocamento espacial e, em contacto com a população ameríndia. Desta forma, o sebastianismo torna-se um dos fundamentos do imaginário brasileiro. O conjunto desses dois componentes terá conseqüências em um projeto para construir um futuro especificamente brasileiro, marcado por uma busca pela felicidade ainda nesse mundo. Essa busca choca-se todos os dias com a vã esperança de libertação, espera de justiça social. A injustiça é alimentada por uma religiosidade ultramontana da classe dominante ou por uma religiosidade popular da classe dominada. Em ambos os casos, uma vez que o povo brasileiro acredita já estar no Paraíso, uma morosidade letárgica une os brasileiros e incansavelmente se renova após cada evento de ordem nacional: carnaval, futebol, quaresma, novelas.

Conclusão

A influência do sebastianismo no Brasil funciona através da cultura popular, como no Maranhão, ou através de movimentos messiânicos, como forma de resistência à transformação social da sociedade. Trata-se de uma resistência eficaz contra todas as formas de opressão por parte da classe dominante. Ao mesmo tempo, o sebastianismo também funciona, especialmente na região mais pobre do Norte e Nordeste, como meio de integração social. O sentimento sebastianista chega ao Brasil ao mesmo tempo em que chegam as ordens religiosas. Ele é usado pelo clero, em alguns casos, como instrumento de culto para a coesão e a solidariedade da população dominada. Esta instrumentalização da crença messiânica está atualizada, hoje, no pensamento e ação da corrente de pensamento da Teologia da libertação, vinda da América latina, a partir de 1968 e, que se encontra presente na Igreja católica. Em pleno século XXI, as conquistas e transformações culturais e sócio-políticas estão intimamente ligadas ao espírito religioso ou, à religiosidade do povo brasileiro. E alguns, no meio intelectual, proclamam esta realidade, em "alto e bom som", muitas vezes sendo o porta-voz dos oprimidos. É o caso do cineasta Glauber Rocha (1969-1981): "*Eu sou um sebastianista. Nós dizemos no Nordeste do Brasil que Dom Sebastião desapareceu em Alcácer-Quibir. É como se o rei tivesse desaparecido nas entranhas do povo para renascer, vomitado, da comunidade do Terceiro Mundo e tropicalista*" (*Jornal do Brasil*, 22/08/1985).

No Brasil, pouco a pouco, os movimentos messiânicos começam a ser analisados e tratados em termos de fanatismo religioso. É verdade que a questão sobre a necessidade do camponês, em ter um asceta, um emissário divino para se organizar, se rebelar, permanece sem resposta. Do mesmo modo que o significado da monarquia desejada pela classe pobre permanece inexplicável por pesquisadores e sociólogos, uma vez que a religiosidade e o fanatismo continuam relegados e muitas vezes ligados ao folclore, à mídia, à polícia, aos juízes e, por que não à psicanálise. A história oficial sempre ignorou o fanatismo religioso, a não ser quando é objeto de um estudo jurídico sobre a responsabilidade penal do líder carismático. Registros e estudos de movimentos messiânicos parecem ser mais uma curiosidade do que assunto a ser tratado pelas Ciências humanas.

Enfim, o imaginário brasileiro é marcado por movimentos messiânicos que têm suas próprias dinâmicas internas construídas, a partir de um universo simbólico, ligado à tradição medieval dos romances de cavalaria, ao joaquimismo, aos aspectos da tradição

judaico-cristã. Nesta perspectiva, é possível identificar os mecanismos relacionados às questões sebastianistas, reestruturados e reformulados, em significado dialético: É o caso da *Encantaria* do rei Dom Sebastião, no Maranhão. Essa dialética do desaparecimento do rei português, situa-se entre o mito e a história, o sagrado e o profano, a tradição e a modernidade. O conjunto desses aspectos relevados encontra um eco positivo nos movimentos messiânicos e escatológicos presentes no Brasil. A dimensão dinâmica da história dos eventos messiânicos relacionados com os aspectos simbólicos e míticos tomou outro rumo na década de 1960 com o surgimento do New Age e seitas pentecostais de origem americana.

Seria interessante ver como se dá a perenidade do sebastianismo no meio desses movimentos evangélicos. Pois, em sua essência, eles são caracterizados por um protesto contra a onipresença da tecnologia, a modernidade e a rejeição das igrejas institucionais. Esses movimentos pentecostais procuram uma religiosidade que sintetize as espiritualidades do Ocidente e do Oriente, a experiência de uma vida comunitária, a necessidade de uma nova aliança com a natureza. De qualquer forma, enquanto a imagem do Novo Mundo e, especialmente, a do Brasil, for percebida pelos brasileiros como sendo o lugar onde todos os sonhos, todas as profecias, todos os projetos podem ser realizados, o rei Dom Sebastião continuará a viver e crescer na imaginação e no imaginário de todos aqueles que se sentem investidos em difundir que a felicidade pode ser adquirida aqui nesse baixo mundo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Rubim Santos Leão de, ***Sociedade brasileira : uma história através dos movimentos sociais : Da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo***. Rio de Janeiro: editora Record, 2000.

AZEVEDO, João Lúcio de, ***A evolução do sebastianismo***. Lisboa: Livraria clássica editora, 1947.

BESSELAAR, José van den, ***Antonio Vieira : o homem a obra, as idéias***. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1981.

BUESCU, Ana Isabel, ***Imagens do príncipe - Discurso normativo e representação (1524-49)***. Lisboa: editora Cosmos, 1994.

CHAUI, Marilene, ***Conformismo e resistência : aspectos da cultura brasileira***. São Paulo: editora Brasiliense, 1986.

DELUMEAU, Jean, ***Mille ans de bonheur : une histoire du paradis***. Paris: éditions Fayard, 1995.

_____ ***Une histoire du paradis, le jardin des délices***. Vol. I. Paris: éditions Fayard, 1992.

FERRETTI, Mundicarmo, ***Maranhão encantado, encantaria maranhense e outras histórias***. São Luis: UEMA editora, 2000.

FERRETTI, Sérgio, ***Repensando o sincretismo***. São Paulo: Edusp – Fapema, 1995.

HERMANN, Jacqueline, ***No reino do desejado : a construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII***. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

LE GOFF, Jacques, ***La civilisation de l'Occident médiéval***. Paris: éditions Flammarion, 1982.

LIMA-PEREIRA, Rosuel, ***Mythogenèse, syncrétisme et pérennité du sébastianisme dans l'identité brésilienne du XX^{e} et du début du XXI^{e} siècle (L'État du Maranhão et ses manifestations socioreligieuses)***. Tese de doutorado, École doctorale Montaigne Humanités, Universidade Montaigne-Bordeaux 3: França, 2012.

https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00802219

POIRION, Daniel, ***Le merveilleux dans la littérature française du Moyen Âge***. Paris: P.U.F., 1982.